UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Editora Unisinos
Organizadora: Vera Lúcia Schneider Bemvenuti

**NOVAS SENSIBILIDADES SOCIOAMBIENTAIS NO ESPELHO DA
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

José Ivo Follmann*

*"O mundo não vai superar sua crise atual usando o mesmo
pensamento que criou essa situação." (Albert Einstein)*

Resumo

O compromisso socioambiental da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS está pautado em três "trilhas" temáticas: O cuidado com a vida, as águas e o meio ambiente; A participação no combate à pobreza através de tecnologias sociais de trabalho e organização; O combate aos preconceitos e discriminação racial através da educação das relações étnico-raciais e inclusão dos sujeitos afrodescendentes. Trata-se de três níveis de relações: dos seres humanos com o meio ambiente; dos seres humanos no mundo do trabalho; e dos seres humanos entre si em seus processos étnico-raciais diferenciados. O argumento do texto está focado na importância e pertinência desta opção como direcionamento válido da Extensão Universitária.

PALAVRAS-CHAVE

Cuidado com as águas; Novas tecnologias sociais de trabalho; Educação das relações étnico-raciais.

* Doutor em Sociologia, jesuíta, vice-reitor da UNISINOS, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, assessor do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – Neabi e do Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo – Gáfrac e diretor de Assistência Social da Associação Antonio Vieira – Asav.

♦ Em terceiro lugar, aumenta em todos os recantos da Terra o clamor pela inclusão das populações estruturalmente excluídas através da história. Esta sensibilidade se concretiza no Brasil de muitas formas. Uma dessas formas diz respeito à inclusão dos afrodescendentes e indígenas, através das leis 10.639 e 11.645, que pautam a educação das relações étnico-raciais e consequentes ações de reconhecimento cidadão. O esforço que está sendo feito em termos de políticas públicas no Brasil de hoje, neste sentido, é um sinal que aponta para novos tempos de construção de um efetivo convívio democrático e cidadão.

A ordem adotada na presente reflexão não é casual, ela toma como ponto de partida o horizonte amplo das nossas relações com o meio ambiente, passa, num segundo momento, pelas relações de trabalho e finaliza no horizonte cotidiano das relações entre os seres humanos. Este ordenamento não sinaliza nenhuma ordem de tempo ou de prioridade, pois, como veremos, existe uma íntima relação entre os três níveis de relação. A atenção às três sensibilidades assim salientadas fez com que a Universidade pautasse, para o presente e o futuro próximo, três ênfases prioritárias em todos os seus trabalhos de projeção social e de compromisso socioambiental ou, mais amplamente, de Extensão Universitária. Isso, associado a outros movimentos, visto de uma forma mais ampla, também mexe profundamente com o próprio conceito de Universidade.

1. Cuidado com a água e a vida

Caminhando, em junho de 2012, por dentro do amplo espaço dos estandes e tendas da Cúpula dos Povos, evento paralelo à Conferência

Internacional para o Desenvolvimento Sustentável, denominada Rio+20, uma estranha sensação tomou conta de mim. O cansaço que, naquele momento, castigava o meu corpo, não conseguia colocar freio na minha ânsia de ver, ouvir e sentir toda aquela rica diversidade de manifestações de seres humanos focados em uma grande causa: a vida do planeta Terra e a vida em todas as suas formas de expressão. Estavam em pauta as suas relações com o meio ambiente, ou seja, as relações da humanidade com a sua mãe Terra. As denúncias ressoavam múltiplas, veiculando as mais diversas perspectivas. Lembrei-me muito de um texto que escrevi, nove anos atrás, depois de ter ajudado a coordenar um "Seminário sobre as Águas" durante um Fórum Social Mundial, em Porto Alegre/RS. Inspirado numa obra intitulada "Gente Cuidando das Águas", comecei aquele artigo com a seguinte afirmação: o "ser humano está-se desumanizando em sua prática de ser humano" (Romano F.; Santini; F. in Follmann, 2003, p. 5).

Do mesmo artigo, destaco aqui o seguinte comentário: *"hoje podemos levantar a hipótese de que, em termos de gestão das águas, a época atual talvez seja, no futuro, apontada como uma das fases mais obscurantistas vividas pela humanidade. O risco que corremos de sermos vistos assim, futuramente, está em paradoxal descompasso com os grandes avanços técnicos e científicos que a humanidade já acumulou e os enormes investimentos que continuam sendo feitos neste sentido. A degradação vertiginosa das águas e o estado calamitoso em que se encontram, em muitos contextos, devem encher-nos, neste sentido, de indignação. Pois, não estamos sendo vítimas de uma falta de recursos ou de capacidade técnica, mas, sim, vivemos ausência de humanidade. O obscurantismo decorre desta ausência"* (Follmann, 2003, p. 7).

Quando nos perguntam sobre tensões ou novas sensibilidades da sociedade humana, nos dias de hoje, logo nos vêm à mente palavras como globalização, individualismo, fragmentação do social, violência, inovação tecnológica, desigualdades sociais, crise do sistema financeiro, crescimento das intolerâncias, crises de identidade, avanço das drogas e liquidez das relações. Este é, sem dúvida, o desenho mais imediato que se impõe e está revestido, em geral, de fortes questionamentos a respeito das insensibilidades do ser humano e do processo acelerado de desumanização ou perda da alma humana. Existe, no entanto, outro desenho de futuro, que aponta tendências veiculadoras de importantes sensibilidades humanas. Conforme as circunstâncias, a sua percepção varia de intensidade. Ele sinaliza novos horizontes, projetando luzes promissoras de direcionamento, para todos aqueles que se somam na busca de caminhos de reencontro da humanidade nos seres humanos. Destaco aqui o desenho das novas sensibilidades em nível das relações com o meio ambiente, das relações no mundo do trabalho e das relações étnico-raciais.

A reflexão se inspira e está pautada no processo vivido por nossa Universidade.¹ Dentro do processo de seu Planejamento Estratégico, entre as diferentes tendências identificadas, foram apontadas três tendências para pautar particularmente a projeção social e o compromisso socioambiental (com a sociedade e com o meio ambiente) da Instituição no presente e no futuro próximo. Foram identificadas como três sensibilidades e direcionamentos da humanidade em geral e da nossa região em particular, que merecem

está envolvida e que é por ela partilhado:

♦ Em primeiro lugar, multiplicam-se as iniciativas dirigidas à preservação do meio ambiente, a preocupação com ele, a sua regulamentação, com vistas à prevenção de desastres ambientais, à renovação dos recursos naturais, à recuperação e despoluição e à busca de fontes alternativas de energia, pressionando o desencadeamento de novos hábitos sociais e de mudanças nos processos produtivos. A sensibilidade por esta temática está sempre mais perceptível, sobretudo, envolvendo a água e a vida do planeta em geral. O cuidado com a água é associado com a permanência da vida e a sobrevivência do planeta. Em tudo desponta um profundo redirecionamento das relações do ser humano com o meio ambiente.

♦ Em segundo lugar, dá-se uma crescente sensibilidade pela questão da pobreza e busca de formas de superação desta, sobretudo no que se refere a novas tecnologias sociais na área da organização do trabalho e na geração de renda. A pauta é controle da pobreza através destas formas inovadoras de tecnologias aplicadas ao mundo do trabalho. O campo da economia socio-solidária vem crescendo e se solidificando sempre mais. Trata-se de um processo que através de múltiplas formas revela retomada de elos perdidos e o estabelecimento de novas fórmulas nas relações de trabalho.

¹ Planejamento estratégico vivenciado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS, durante os últimos anos da primeira década de 2000 (2008-2010).

O mais preocupante em tudo isso é que as tensões e os conflitos que hoje giram em torno do petróleo, amanhã poderão ser tensões e conflitos a girar em torno da água. A humanidade precisa se adiantar a isso e reencontrar fórmulas sábias para um convívio de paz. Infelizmente, a humanidade e, particularmente, o Brasil, que é um dos maiores reservatórios de água potável no mundo, estão sendo vítimas de sua própria perversão cultural. Nós humanos sabemos que somos, em grande parte, água. Esta água, que é essencial à vida e parte fundamental de nosso ser, foi transformada em "recursos hídricos" por alguns, é maltratada e esbanjada por outros e já faz falta a muitos. Ao falar "recursos hídricos", assim como também se fala "recursos humanos", estamos a um passo de reduzir tudo ao econômico. O meio ambiente e a própria humanidade acabam sendo vistas como um somatório de bens econômicos. Refazer e reencontrar o humano na humanidade é fator essencial para "melhorar o uso de recursos hídricos", ou seja, para criar um novo modo de ver, de sentir e de cuidar das águas. É fator essencial para garantir uma sadia gestão das águas, em todos os níveis, desde o local até o internacional.

O Prêmio Nobel da Química de 1977, Ilya Prigogine, em uma de suas obras de maior repercussão, elaborada em coautoria com Isabelle Stengers, "A Nova Aliança" (1984), apela para um "reencautamento do mundo". Naquela obra a expressão "nova aliança" é utilizada como su-peração da "antiga" e "moderna", recompondo de forma nova a aliança entre "a história dos homens, de suas sociedades, de seus saberes" e "a

aventura exploradora da natureza" (Prigogine e Stengers, 1984, p.226).

A aventura exploradora da natureza chegou ao limite e passa-se a ouvir uma multiplicidade de vozes a pedir e a proclamar: "*Precisamos salvar o planeta Terra!*"; "*Precisamos salvar a água!*". O verdadeiro brado, no entanto, é: "*Precisamos salvar a vida da humanidade!*"; "*Precisamos salvar a vida de nossas futuras gerações!*". Isso envolve uma radical recomposição nas relações dos seres humanos com o meio ambiente. Esta recomposição envolve desde os mínimos gestos diários de cuidado e atenção com o bem-estar e conforto da vida em nosso redor até o empenho nas grandes causas ligadas ao combate aos assustadores desmandos destrutivos da vida do planeta em grande escala.²

A Universidade tem a dupla missão de educar cidadãos atenciosos nos pequenos e grandes cuidados para com a vida e lideranças no conhecimento científico e tecnológico no círculo das decisões envolvendo os destinos da vida no planeta Terra.

2. Novas tecnologias sociais versus pobreza

Muito se fala hoje em inovação social, em novas tecnologias sociais, em novas formas de economia e em economia socio-solidária. Ao falar, acima, em "recursos hídricos" e em "recursos humanos", sinalizei que estas expressões nos colocavam a um passo de reduzir tudo ao econômico. As novas tecnologias sociais dentro de uma linha de economia socio-solidária são formas

2 O gesto de quem ajunta do chão um plástico que causa desconforto às plantas ou de quem sempre está atento para deixar os lugares que usa limpos em vista do conforto e do bem-estar do próximo, tem o mesmo valor e dignidade do discurso de um alto mandatário em defesa de programas de preservação do planeta Terra ou da pesquisa de um especialista buscando fórmulas para conter a depredação dos dons da natureza (Nota do autor).

consolidadas nas últimas décadas e mostram um caminho de relações de trabalho, que nos afasta vigorosamente deste risco redutor.

Estamos, é claro, vivendo num mundo de profundas e rápidas transformações que surpreendem, deixam as pessoas perplexas, angustiadas, principalmente porque as mudanças abalam conceitos, usos e costumes, não permitindo o tempo suficiente para a adaptação às novas situações. (Folmann e Albuquerque, 1998)

O mundo que conhecemos vem sendo alterado nos últimos anos, de forma vertiginosa, pela inovação tecnológica e pela globalização da economia, que ao articular diferentes tempos e ritmos produtivos, trouxe consigo uma dinâmica que fragmenta a perspectiva nacional, ficando, inclusive, difícil identificar com clareza o traçado característico das economias nacionais, regionais ou locais. Os pequenos empreendimentos sócio-solidários encontram-se, também eles, misturados nesta "gelatina globalizante" onde parece que a palavra de ordem é o "mercado" com os seus tentáculos sem fronteiras.

Dar respostas às demandas do mercado passou a ser critério básico e fundamental, para determinar a capacidade de uma sociedade construir um projeto de vida coletivo. Assim temos quase que por unanimidade, um comportamento uniforme, que se traduz pela adesão ao "*the only one game in town*" ou "*o pensamento único*" que uniformiza as estratégias de desenvolvimento e de construção da vida. Como sobreviver econômica e financeiramente sem entrar na roda deste "*only one game in town*"?

Ao contrário do que acontece na economia capitalista de mercado onde "*o resultado natural é a competição e a desigualdade*", segundo Paul Singer, na economia solidária "*o resultado natural é a solidariedade e a igualdade*". Enquanto na

economia capitalista de mercado é pleiteado um Estado mínimo com interferência quase nula sobre os ganhos auferidos, na concepção da economia solidária faz-se importante a presença do Estado como agente fundamental para preservar as redistribuições solidárias, evitando a geração de acúmulos geradores de desigualdades. (Singer, 2002)

A proposta solidária ou sócio-solidária, como muitas vezes se prefere, representa, na verdade, outro ou "novo" modo de produção presente nos interstícios da economia capitalista de mercado. Este "novo" modo de produção rompe com a correlação que consagra a primazia do capital na geração do crescimento e desenvolvimento. Em outras palavras a economia sócio-solidária está posta na contracorrente daquilo que vem caracterizando, com vigor e estardalhaço, os chamados "países emergentes".

Se a atração de investimentos estrangeiros é urgente e necessária para a aceleração na inovação tecnológica e a consequente ampliação de oportunidades dentro do sistema que aí está, não se pode ter a ilusão de que isto, em si, ajude a resolver o problema das desigualdades sociais e da pobreza. Faz-se necessária muita lucidez numa orientação ética e política segura para que inovação não continue sendo deprecação da natureza, geração de desigualdades e reprodução da exclusão.

Um grande número de Universidades nos últimos anos agregou ao seu nome, importantes parques tecnológicos, tornando-se referência em atração de novas indústrias e também em incubação de novos empreendimentos para o mercado. Pode parecer quase paradoxal que muitas vezes, são as mesmas Universidades que apresentam, também, ao longo das últimas décadas, protagnismo na adesão ao esforço nacional por incubar

cooperativas e outras formas de organização de economia sociossolidária.³

O que à primeira vista parece paradoxal pode assumir, no entanto, grande vigor na perspectiva de um sadio confronto e construção do conhecimento tecnológico inovador e incluyente. A Universidade pode (e deve) ser este feliz espaço de propulsão nos dois níveis, contribuindo, por um lado, para a inovação e aceleração tecnológica e, por outro lado, favorecendo e facilitando a construção de novas tecnologias sociais claramente alinhadas com o combate às desigualdades em vista da erradicação da pobreza.

3. Educação das relações étnico-raciais

No Brasil, por muito tempo, tentou-se resolver o futuro das relações étnico-raciais através do esquecimento. A sua história escamoteou e continua a escamotear o longo período de quase quatro séculos de escravidão de milhões de africanos, fazendo com que a relação entre negros e brancos continue sendo uma questão falseada e insuficientemente resolvida.⁴ Hoje, finalmente, com muita lucidez, vivemos políticas que colocam em primeiro plano a memória.

A sociedade brasileira carece de educação para lidar de maneira justa e lúcida com as consequências disso na sociedade e cultura. Isso é tão verdade que foi necessário formular a Lei 10.639 (2003) e legislações subsequentes como reformulações e complementações esclarecedo-

ras da Lei 9.394 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996) no que diz respeito especificamente às temáticas da história e cultura dos afrodescendentes e sua obrigatoriedade nas instituições de ensino.⁵

O patrimônio histórico e cultural trazido pelos africanos é tão vigoroso que, apesar de toda a desconstrução, conseguiu sobreviver e representar um incomparável e marcante legado para a nossa sociedade. A ausência das temáticas africanas e da história dos afrodescendentes no Brasil, nas escolas em todos os níveis, continua sendo gritante, sobretudo porque esta ausência simplesmente não é notada ou é, por muitos, considerada natural. O desconhecimento com relação à África, sua história e cultura, chega a ser escandaloso, quando sabemos quão rica e genuína é a sua contribuição e a de seus filhos e filhas na construção do Brasil e da brasilidade.

A sociedade brasileira tem medo de lidar com esta questão... Carlos Rodrigues Brandão, em um de seus livros no qual retratou a história de Paulo Freire "*A história do menino que lia o mundo*" (2005), destacou que esse menino que lia o mundo aprendeu a perder o medo porque começou a entender as coisas e o mundo. Nós em geral temos medo frente ao que não entendemos. Quando não se entende de determinado assunto, tem-se muito medo de entabular conversa sobre o mesmo. Talvez possamos dizer que a temática dos afrodescendentes no Brasil está ausente nas escolas porque existe um grande desconhecimento em torno dela. Muitos pro-

- 3 A UNISINOS de uma forma bastante original, desenvolve trabalhos de "incubação cooperativa" desde finais da década de 1970. Hoje esta universidade, além da continuidade do Programa Tecnossociais que é responsável pelos trabalhos de incubação cooperativa, vem protagonizando também um dos Parques Tecnológicos de maior expressão no Brasil, destacando-se por seu dinamismo em atrair indústrias de ponta, sobretudo na área da tecnologia da informação.
- 4 O presente item fica restrito à temática das relações entre brancos e negros, mas a mesma reflexão, com seus aspectos específicos, deve ser proposta no que diz respeito à temática das relações entre brancos e indígenas.
- 5 Mais tarde, pela Lei 11.645 (2008), foram incluídas a história e a cultura dos povos indígenas.

fessores e professoras têm medo de abordar o assunto.

Às vezes se ouve falar que tocar nesse tema pode acender as brasas que estão mortas debaixo das cinzas da história, despertando indesejados conflitos raciais. Alguns falam em "racismo às avessas"... Trata-se do medo associado ao desconhecimento, pois, no caso específico da temática dos afrodescendentes, no Brasil, gera menos conflito proporcionar o conhecimento do que negar o conhecimento.

Cavalgamos ingenuamente em cima do mito da democracia racial no Brasil. É necessário olharmos de frente a grave questão ideológica do falseamento, do mito da democracia racial, do esquecimento e do escamotear, que faz das escolas e dos professores veiculadores e reprodutores das explicações fáceis ou das "não explicações", ajudando a sonegar sutilmente as raízes da identidade dos afrodescendentes em nossa sociedade.

É necessário propor, também, em sala de aula, com honestidade, o debate público sobre a questão da grande dívida social que o Brasil tem com relação aos afrodescendentes que constituem em torno de 50% da população brasileira. Trata-se da metade da nossa sociedade cujos ancestrais foram vítimas de um dos mais longos períodos de escravidão conhecidos na história humana. Eles foram vítimas não só da escravidão, mas também das políticas de branqueamento que marcaram por muito tempo a sociedade brasileira pós-escravidão.

Cabe, sobretudo, lembrar que somos facilmente vítimas de um jogo secreto que desvia a atenção do verdadeiro foco. Segundo Adevanir Aparecida Pinheiro, que em sua tese de douto-

ramento discutiu o conceito de "branquidade" (Pinheiro, 2011), fala-se sempre em "questão do negro" ou "questão do índio", quando de fato é uma "questão do branco", em primeira instância... Se os estudos das relações étnico-raciais não tiverem um olhar atento para esse jogo secreto, continuando focados apenas nas etnias historicamente inferiorizadas, eles poderão ser novamente "um tiro no próprio pé". Estaremos correndo o risco de redobrar as mesmas escamoteações históricas já conhecidas no Brasil. Trata-se de um convite a que nos associemos à linha de reflexão que traz ao centro do debate a questão do embotamento da consciência branca eurocêntrica.

A educação das relações étnico-raciais nos desafia a um aprofundamento nas pesquisas sobre toda uma história e riqueza cultural que foi escamoteada e nos desafia a um trabalho no cotidiano das pessoas e suas relações. A Universidade pode (e deve) ser, com certeza, o espaço propício para isso.

A Universidade é chamada a mexer nas raízes históricas. Elas são profundas e terrivelmente encravadas na mente e no coração de brancos e negros. É necessário cavar muito para chegar a elas e arrancá-las. Um dos caminhos vislumbrados é o de assumir a causa do outro. Em um texto elaborado por uma equipe internacional e intercultural de jesuítas sob a coordenação do Secretariado de Justiça Social da Companhia de Jesus, que circulou, a partir de fevereiro de 2006, no meio dos jesuítas em vista da preparação da 35ª CG (Parlamento Superior dos Jesuítas), encontrava-se, entre outras, a seguinte recomendação: "*é recomendável que cada jesuíta se empenhe em defender ao menos uma cultura que não seja a sua*".⁶ Isso não está formulado

6 SJS-S.I. *Globalización y Marginación: Nuestra Respuesta Apostólica Global*. Roma: Companhia de Jesus – Secretariado para a Justiça Social, fevereiro, 2006.

assim em nenhum texto oficial, mas trata-se de uma recomendação, com certeza, altamente inspiradora e faz parte do espírito da Companhia de Jesus. Trata-se de uma ótima fórmula para um branco romper as algemas de seu embotamento racial, colocando-se na efetiva defesa do negro e fazendo de sua prática cotidiana uma "prática afirmativa" deste **outro** tão espezinhado em nossa história.

Consideração final

Este outro é o negro, mas é também o pobre e é, inclusive, o próprio meio ambiente, para citar os que estão em pauta neste texto, espezinhadados por uma cultura branca que se afirmou e enriqueceu de forma predatória e excludente. Essa cultura, gestada e cultivada por dentro de um longo processo histórico, estende-se em muitos aspectos até nossos dias e pauta muitas de nossas relações com o meio ambiente, com o trabalho e com os outros seres humanos, particularmente as relações étnico-raciais.

As universidades devem, diariamente, retomar o exercício de "exorcizar os demônios" reprodutores dessa cultura, que continua muito viva. As universidades são espaços privilegiados com forte potencial para pautar novos rumos. Só assim, aliás, as universidades farão realmente jus ao nome que levam e poderão contribuir com aquilo que sempre afirmam ser a sua missão: gerar, através do conhecimento, a inovação dentro do processo histórico em que a humanidade vive no concreto de cada tempo e espaço.

Talvez a forma contundente com a qual este texto é concluído possa parecer um tanto apocalíptica, mas o que de fato está em pauta são os esforços e a coragem de muitas universidades e,

sobretudo, de grupos dentro das universidades que conseguiram e conseguem vislumbrar, nos caminhos da Extensão Universitária, um grande atalho para o reencontro da universidade com ela mesma, enquanto contribuição na geração de novos modos de relação da humanidade com o meio ambiente, com o trabalho e dos seres humanos entre si.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire: O menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- FOLLMANN, José Ivo. Água: conhecimento, cidadania e bem comum. *Revista Cultura Vozes*. N. 2, março-abril, 2003, p. 5-12.
- FOLLMANN José Ivo; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto. Plan de Investigación del Nucleo de Estudios de la Pobreza – Nep, Unisinos. *Coloquio: Los Rostros de la Pobreza en Latino América*. Puebla: Universidad Iberoamericana/Universidades de la Ausjal, agosto de 1998.
- PINHEIRO, Adevanir Aparecida; FOLLMANN, José Ivo. Notas sobre a temática dos afrodescendentes negros na escola. *Primeiro Fórum de Pedagogia*. São Leopoldo: Unisinos, setembro de 2008.
- PINHEIRO, Adevanir Aparecida. *Identidade Étnico-Racial e Universidade: A dinâmica da visibilidade da temática afrodescendente e as implicações eurodescendentes*, em três instituições de ensino superior no sul do País. São Leopoldo: Tese Doutorado em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011. 375p.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança: meta-morfose da ciência*. Brasília: Editora UnB, 1984.
- ROMANO FILHO, Demóstenes; SANTINI, Patricia; FERREIRA, Margarida Maria. *Gente cuidando das águas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.
- SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. (Fundação Abramo Perseu). <http://www.incoop.ufscar.br/textos/paul-singer-2002-fundamentos> (texto acessado em 26/6/2012).